
Ensaio sobre a cegueira: José Saramago, o arauto de um mundo em pandemia

Ensaio sobre a cegueira: José Saramago, the herald of the world in pandemic

Erivelto da Silva Reis

Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2020.n44a408>

RESUMO

A ideia principal deste artigo é promover uma leitura de pontos bem específicos presentes no livro *Ensaio sobre a cegueira* (2008), do escritor português José Saramago (1922-2010), e no recente livro do professor e pesquisador português Boaventura de Sousa Santos, *A cruel pedagogia do vírus* (2020), para dialogar com aspectos que a obra de Saramago teria antecipado em relação a uma possível situação de pandemia, sobretudo a inabilidade de alguns gestores e a inevitabilidade do confinamento e seus efeitos. No contexto da obra, trata-se de uma epidemia de cegueira branca. É notável como algumas situações que Saramago produz em seu ensaio podem ser percebidas em relação à pandemia e ao isolamento social em razão do Covid-19. O recorte feito para essa abordagem pretende discutir, na obra de Saramago, a percepção de que as personagens estavam sob uma epidemia de cegueira, seu contágio e a deflagração do estado de isolamento a que foram submetidas. Assim, visando a uma interação entre a ficção e a realidade contextual que atravessamos, justifica-se este artigo. Para tanto, pretende-se relacionar preferencialmente as situações iniciais imaginadas por Saramago em seu romance-ensaio a uma reflexão sociológica, *in loco*, do fenômeno da pandemia real, realizada pelo professor português Boaventura de Sousa Santos.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; Boaventura de Sousa Santos; pandemia; ensaios.

ABSTRACT

The main idea of this article is to promote a reading of very specific points present in the book *Ensaio sobre a cegueira* (2008), by the Portuguese writer José Saramago (1922-2010), and the recent book by the Portuguese professor and researcher Boaventura de Sousa Santos, *A cruel pedagogia do vírus* (2020), to dialogue with aspects that Saramago's work would have anticipated in relation to a possible pandemic situation, especially the inability of some managers and the inevitability of confinement and its effects. In the context of the work, it is an epidemic of white blindness. It is remarkable how some situations that Saramago produces in his essay can be perceived in relation to the pandemic and social isolation due to Covid-19. The cut made for this approach intends to discuss, in Saramago's work, the perception that the characters were under an epidemic of blindness, their contagion and the outbreak of the state of isolation to which they were subjected. Thus, aiming at an interaction between fiction and the contextual reality that we are going through, this article is justified. Therefore, it is intended to preferentially relate the initial situations imagined by Saramago in his novel-essay to a sociological reflection, *in loco*, of the phenomenon of the real pandemic, carried out by the Portuguese professor Boaventura de Sousa Santos.

KEYWORDS: José Saramago; Boaventura de Sousa Santos; pandemic; essays.

Em tempos de pandemia, estar vivo é um luxo. Permanecer vivo é um desafio. Na falta de um antídoto, restam-nos a cultura, a arte e uma tentativa de civilidade baseada em modelos apreendidos às esferas culturais, educacionais e artísticas sobre as quais, eventualmente, a desinformação, interesses políticos e preceitos dogmáticos e morais assinalam esgarçamentos éticos e comportamentais e podem vitimar e expor a risco uma parcela significativa da população.

No Brasil, infelizmente, a destruição de vidas tem se tornado exponencial e já ultrapassamos o número de 4,8 milhões de pessoas contaminadas e quase 145 mil mortes (números de 2 de outubro de

2020, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde), desde o primeiro caso confirmado em março de 2020.

A ideia principal deste artigo é promover uma leitura de pontos bem específicos presentes na obra *Ensaio sobre a cegueira* (2008), do escritor português, prêmio Nobel de literatura, José Saramago (1922-2010), e o recente livro do professor e pesquisador português Boaventura de Sousa Santos, *A cruel pedagogia do vírus* (2020), para dialogar com aspectos iniciais do romance de Saramago: a propagação da cegueira, a epidemia e o confinamento inicial — que teriam pontos em comum verificados por Boaventura de Sousa Santos em sua leitura da fase inicial da pandemia de Covid-19.

Acredita-se que, tanto na ficção como na prática, os leitores poderão identificar situações e pontos de convergência entre a ficção, algumas das reflexões da obra de Santos e o que foi amplamente divulgado e documentado nos *sites*, jornais e noticiários em todo o planeta sobre a pandemia.

Infelizmente, em muitos países e, desafortunadamente no Brasil, como o próprio Santos pondera, alguns dos momentos mais dramáticos da ficção de Saramago, como o descontrole e ineficiência do Estado e as consequências irreversíveis e mortais que se sucedem ao surto epidêmico, puderam ser constatados e testemunhados.

Há o entendimento de que o *Ensaio* explora as relações de um grupo heterogêneo de personagens não nomeadas — identificadas tão somente por suas características mais imediatas ou decorrentes do próprio processo narrativo: *o primeiro cego, o ladrão, o médico, a mulher do médico, a rapariga de óculos escuros* etc. Alguns acontecimentos narrados estão circunscritos ao espaço daquele romance, ao passo que outros, bastante dramáticos, se confundem com o que já se verificou durante o período da pandemia, entre os quais se destacam: a) a atuação do Estado; b) a desarticulação dos diversos níveis de governo; c) a indeterminação de local, de um país de origem da

epidemia; d) a violência do descaso e do preconceito contra negros, mulheres e idosos; e) o darwinismo social; e f) a necropolítica. Esses são temas que saltam da ficção de Saramago para a nossa reflexão em consonância com a leitura de Santos.

Entende-se que uma pessoa é a ideia do que se vê nela, do que se supõe dela, do que realize e pretenda ser. Uma vez, no entanto, acometida pelo vírus, torna-se personagem de um drama em que suas forças pessoais, qualidades e características individuais — não importam quais sejam — não lhes serão suficientes para articular-se e superar o flagelo da doença. Mesmo em infectados assintomáticos, a presença do Estado — efetiva e eficiente em muitos países ou negligente e desarticulada, como no Brasil — faz com que o cidadão experimente um quadro de ansiedade e medo, como o verificado nas personagens de Saramago ao constatarem a cegueira branca.

A incompreensão dos momentos imediatamente anteriores ao acometimento da cegueira ou à contaminação pelo vírus e a indeterminação de uma possível cura são exemplos bem específicos de como a ficção se relaciona com o atual momento mundial.

Estados Unidos e Brasil têm um número alarmante de infectados e de mortos. A obediência ao isolamento social é relativa e muitos interesses políticos se sobrepõem à valorização das vidas humanas. Estes cenários também são verificáveis ao longo da obra de José Saramago. Sobre essas questões, relativas ao comportamento dos governos e seu impacto imediato numa sociedade à mercê do vírus, o ensaio de Santos pode nos ajudar a ponderar e questionar determinados aspectos políticos, econômicos e sociais.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago desconstrói a ideia de pessoa, de indivíduo, de classe social, de civilização, de ideal coletivo de organização e soberania, a partir de um cenário de epidemia de cegueira.

O mal que acomete as personagens pode marcar uma poderosa

metáfora contra o conformismo, a dominação de um *status* civilizado e a indiferença coletiva e individual quanto ao outro. O livro procura demonstrar (e provocar o leitor) situações em que as pessoas veem, mas não reparam de fato. E aponta para a constatação de que os indivíduos podem não se corrigir, mesmo passando pelas experiências traumáticas da epidemia. Assim, a obra de Saramago pode soar com um tom de aconselhamento aos leitores de qualquer época. E adverte que não se deve simplesmente verificar pelo ato de olhar, contemplando com mais atenção, mas de consertar os erros, repará-los ou impedir que sejam reproduzidos.

Por meio da desconstrução da normalidade social provocada pela epidemia de cegueira, podem-se discutir aspectos como a importância da religião e da arte ou o comportamento individual e coletivo em situações distópicas. Saramago especula no contexto da obra sobre uma possível animalização, consentida pela omissão do poder público, ou sobre uma pretensa anulação de paradigmas que sustentariam o que mereceria ser considerado “civilizado” em um cenário de epidemia. Note-se que atualmente se discute e veicula a expressão “novo normal”, como projeção de ideais utópicos que se sobrepõem aos conflitos relacionados com a pandemia de Covid-19 e dela decorrentes.

Saramago consegue a proeza de conciliar na ficção a desconstrução da estrutura social e a desumanização individual e coletiva, o deslocamento de paradigmas, dogmas, certezas. A propósito, afirma Cerdeira (2000):

Mais uma vez a proposta escrita por José Saramago guarda o espanto de saber trabalhar com o aparentemente inconciliável. Se, por um lado, desconcerta a leitura tradicional porque centra o ponto de vista num agora “ponto cego” — afinal temos a estranha sensação de ver também através de quem não vê, de perceber a dimensão do espaço através de outra sensação que não mais a do olhar que institui a descrição do romance tradicional; (...) (p. 255).

No livro de Saramago, as personagens distinguem-se, não por nomes, mas por suas ações, atos sofridos, traços físicos, acessórios específicos e funções sociais. O lugar sobre o qual se abate a epidemia de cegueira branca não é identificado social e geograficamente; pode-se equiparar, portanto, a muitas metrópoles. O “inconciliável” que rompe com o paradigma de narrar o que não se vê gera um duplo: vemos as personagens não vendo enquanto, possivelmente, passamos a nos ver na situação em que se encontram.

Percebem-se, em maior ou em menor intensidade, situações que expressam a correlação entre o Estado e os cidadãos adoecidos, as intercorrências por que passam quando cegos, a desconstrução de suas “realidades”, sua readaptação ou desistência e a ineficácia dos governos em agir diante da epidemia.

Disse a mulher do médico, O melhor será que se vão numerando e dizendo cada um quem é. Parados, os cegos hesitaram, mas alguém tinha de principiar, dois dos homens falaram simultaneamente, sempre acontece, os dois se calaram, e foi o terceiro quem começou, Um, fez uma pausa, parecia que ia a dizer o nome, mas o que disse foi. Sou polícia. E a mulher do médico pensou, Não disse como se chama, também saberá que aqui não tem importância. Já outro homem se apresentava, Dois, e seguiu o exemplo do primeiro, Sou motorista de táxi. O terceiro homem disse, Três, sou ajudante de farmácia. Depois, uma mulher, Quatro, sou criada de hotel, e a última, Cinco, sou empregada de escritório. É a minha mulher, a minha mulher, gritou o primeiro cego, (...) Mais seguro, ele avançou para ela, (...) murmurava como se rezasse. Uma mão encontrou outra, no instante seguinte estavam abraçados, eram um corpo só, os beijos procuravam os beijos, às vezes perdiam-se no ar porque não sabiam onde estavam as faces, os olhos, a boca. A mulher do médico agarrou-se ao marido, soluçando, como se também o tivesse reencontrado, mas o que dizia era, Que desgraça a nossa, que fatalidade (SARAMAGO, 2008, p. 66).

Analogamente, Santos aponta para o fato de que os mais vulneráveis à ação da doença distinguem-se pela posição em que se enquadram segundo parâmetros sociais e econômicos, em detrimento mesmo dos impactos da pandemia sob a trajetória individual de cada vítima/paciente em potencial. Os mais vulneráveis estariam “a sul da quarentena”, ou seja, mais expostos às consequências sanitárias e sociais da pandemia. Classificados coletivamente, seriam:

- 1) as mulheres, por sua dupla e tripla função na família e na sociedade, por sua associação comum às profissões do cuidado (médicas, enfermeiras, assistentes sociais);
- 2) os trabalhadores precários, informais, ditos autônomos, em função da chamada “uberização” das relações profissionais causada pela perda de direitos trabalhistas que, de acordo com o autor, em países como a Índia pode chegar a atingir até 70%, e na América Latina, até 50% da força de trabalho ativa;
- 3) os trabalhadores da rua;
- 4) os sem-abrigo ou populações de rua;
- 5) os moradores nas periferias pobres das cidades e favelas;
- 6) os internados em campos de refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente;
- 7) os deficientes;
- 8) os idosos.

Santos menciona, ainda, os presos e as pessoas com doenças pre-existentes como grupos de grande perspectiva de vulnerabilidade e provável exposição sem cobertura adequada do Estado (SANTOS, 2020, p. 15-21). Por questões políticas, econômicas ou sociais, a pandemia reafirma uma condição de mal que persiste nas organizações sociais em que grupos são subjugados por funções que exercem (são explorados) ou não exercem (são marginalizados), por condição de sexo, etnia ou porque os governos os alijam ou agem

como se deles não devesse cuidar.

[...] O sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras [...] Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todo-poderoso tanto pode ser o infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus). Em tempos recentes, emergiu um outro ser invisível todo-poderoso, nem grande nem pequeno porque disforme: os mercados. Apesar de omnipresentes, todos estes seres invisíveis têm espaços específicos de acolhimento: o vírus, nos corpos; deus, nos templos; os mercados, nas bolsas de valores. Fora desses espaços, o ser humano é um ente sem-abrigo transcendental [...] (SANTOS, 2020, p. 10-11).

Mesmo numa preliminar aproximação com base no levantamento e nas ponderações de Santos e numa das premissas de Saramago, identificam-se governos incapazes de gerir de forma equânime a proteção aos cidadãos. Em alguns países, de forma flagrante, demorando a agir, ou nem sequer reconhecendo a gravidade do problema.

Há confluências entre a epidemia de cegueira branca e a pandemia de Covid-19. Saramago é um arauto de questões que nos custam tanto e nos abalam como sociedade por meio de uma distopia ficcional que estamos experimentando na realidade ao longo do ano de 2020.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, as personagens infectadas são conduzidas a alojamentos (posteriormente são abandonadas, em condições sub-humanas, violentas e escatológicas) — sob a promessa de que serão tratadas, cuidadas e protegidas, ao mesmo tempo que o governo busca:

- a) estudar e compreender as causas e efeitos da doença;
- b) evitar a disseminação de contágio;
- c) encontrar a cura.

A prática do isolamento, no entanto, não surte os efeitos que o go-

verno espera. Mais um dos pontos de contato com a situação verificada em muitos países. A ficção de Saramago se concretiza sob muitos aspectos perversos, como demonstra Santos:

[...] Uma pandemia desta dimensão provoca justificadamente comoção mundial. [...] Por exemplo, os Médicos sem Fronteiras estão a alertar para a extrema vulnerabilidade ao vírus por parte dos muitos milhares de refugiados e imigrantes detidos nos campos de internamento na Grécia. Num desses campos (campo de Moria), há uma torneira de água para 1300 pessoas e falta sabão. Os internados não podem viver senão colados uns aos outros. [...] Isto também é Europa [...] Como estas condições prevalecem igualmente na fronteira sul dos EUA, também aí está a América invisível. E as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se [...], e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela (2020, p. 8-9).

É necessário comparar a ficção, que não é sinônimo de mentira, à verdade e aos dados que *A cruel pedagogia do vírus* nos apresenta. As artimanhas do poder e a presunção de muitos entre os que governam têm gerado o horror, o massacre aos mais fracos e cristalizado estigmas contra pessoas, grupos sociais e comportamentos. O que está em jogo na utopia da arte na ficção apresentada em *Ensaio sobre a cegueira* é a experiência humana distópica.

A arte propõe uma experiência de limites. Numa civilização em que a quebra das religiões tradicionais, o surgimento de neo-religiões de consolação, o sentido absoluto do presente, apoiado no mercado, as tecnologias médicas e as ideologias abolicionistas de temporalidade empenham-se em evitar a própria ideia da morte, a arte põe em cena esse limite. Nenhum princípio nos leva a pensar que milhões de homens e mulheres devam ser excluídos dessa experiência, por um princípio de desigualdade social (sob o disfarce de um princípio de tolerância). Ninguém pretende restaurar um paradigma pedagógico que aconselhe o

doutrinação estético das multidões (SARLO, 2000, p. 180-181).

A arte, no entanto, cumpre um papel de desenhar um mundo sem explicação, um espaço de inquietações, um espelho para as sociedades e os indivíduos que as governam e as compõem e de antever consequências políticas, sociais e humanas de nossos embates e omissões. Pode fazer com que personagens e lugares apresentem segredos, verdades inconvenientes, ainda quando não registrados ou documentados pela experiência humana.

Em Saramago (2008), pode-se verificar à exaustão a representação do potencial destrutivo e perverso de uma pandemia, desde as desarticulações individuais, familiares, econômicas, sanitárias etc. Mesmo países poderosos econômica e politicamente têm se revelado incapazes de lidar com os efeitos da pandemia.

A crueldade do vírus, a covardia do homem contra seus semelhantes e a prática dos atos mais perversos, porquanto ninguém seja capaz de ver, surgem como metáfora que pode ser lida na atualidade como a cegueira/omissão de determinados indivíduos ante a covardia e a violência em atos e palavras de determinados líderes políticos que pensam que não os podemos ver. Porém, a exemplo do que ocorre com a personagem da mulher do médico, podemos ver e testemunhar o escárnio de alguns diante da morte de milhares e sofremos aguda e gravemente diante de tal horror.

A respeito da pandemia, entende-se que seja necessária a apresentação de alguns números; não obstante, Santos discute aspectos sociais relacionados à pandemia como um fenômeno de evidenciação do flagrante fracasso de políticas econômicas e sociais, as quais o número de infectados e de mortos parece corroborar. Leiam-se as informações do site da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas):

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo corona-

vírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional — o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

Foram confirmados no mundo 33.842.281 casos de COVID-19 e 1.015.963 mortes até 2 de outubro de 2020 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

Em diálogo com as situações ficcionais e no atual contexto de pandemia mundial de Covid-19, nos articulamos a partir das reflexões de Santos (2020). O número de óbitos no Brasil, no momento em que escrevo, chega a 143.952. Saramago produziu um ensaio sobre uma epidemia ficcional e metafórica. Santos escreve um ensaio sobre o vírus e suas consequências para as sociedades no século XXI de dentro do tempo dos fatos.

Considerou-se sobre o ensaio de Santos, desde o provocante título que sugere que a doença está a nos ensinar algo de forma dolorosa, fustigante, incisiva e fatal, até a crítica direta às práticas e posturas políticas dos governos de países como os Estados Unidos, a China, o Brasil, por exemplo. O autor não se furta a apontar o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo como os responsáveis pela gestação da fatalidade que acomete o mundo.

[...] A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. [...] (SANTOS, 2020, p. 23)

Há silenciosas pandemias em curso que sustentam modelos políticos e econômicos. As epidemias sanitárias, por mais graves que sejam, evidenciam apenas a falência de modelos de convivência,

dos sistemas econômicos e ações de determinados governos e lançam luz sobre a crueldade do vírus, em fugaz e passageiro momento em que escondem a crueldade dos mercados e dos homens que os regem, seja através de políticas sectaristas, intransigentes, de perseguição às minorias, de exploração econômica e de desrespeito ao meio ambiente, seja por projetos de grandeza pessoal.

As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga. É evidente que são menos discriminatórias que outras violências cometidas na nossa sociedade contra trabalhadores empobrecidos, mulheres, trabalhadores precários, negros, indígenas, imigrantes, refugiados, sem abrigo, camponeses, idosos, etc. Mas discriminam tanto no que respeita à sua prevenção, como à sua expansão e mitigação. Por exemplo, os idosos estão a ser vítimas em vários países de darwinismo social (SANTOS, 2020, p. 23, grifos do autor).

Santos aponta questões históricas relacionadas à pandemia que são tão graves quanto a doença ou com ela coexistem. Em tópicos como “A normalidade da exceção”, “A elasticidade do social”, “A sociologia das ausências”, o autor não busca relativizar a pandemia, porém assinala-a como resultado de guerra comercial em que os fins não justificam os meios — provocando-nos sobre as especulações de origem proposital do vírus e sobre que países ganhariam posições de destaque no cenário econômico e político. De igual maneira, não se esquivava de explorar um cenário internacional pós-pandemia enquanto elenca lições que o (não) enfrentamento ao vírus nos lega como sociedade.

Não pareceria exagero afirmar que o romance de Saramago pretende denunciar a cegueira como traço de uma alienação social. Por excesso de informação ou por não ver o outro como ele é e, por vezes, a nós mesmos. A cegueira de não perceber que o Estado não representa o indivíduo, não é responsável por ele, embora interfira em sua

vida, e que, ao menor sinal de perigo, estaria disposto a destituí-lo de toda e qualquer característica que denotasse sua individualidade e seu direito à liberdade permeia a narrativa.

O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando também que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional (SARAMAGO, 2008, p. 49).

Em *Ensaio sobre a cegueira*, isolam-se as personagens em instalações, inicial e pretensamente, sob a coordenação do governo. Durante a pandemia solicita-se, primeiramente, que as pessoas fiquem em casa, depois o isolamento vai sendo afrouxado. Há países que pretendem promover a contaminação de rebanho, como o caso da Suécia, por exemplo.

Quem sente, imagina, projeta o sofrimento causado pela cegueira são os leitores, que preenchem os espaços da obra literária com suas emoções, identificações pessoais, medos e expectativas, ao confrontá-los com a trajetória, a perambulação das personagens, por um espaço que não conseguem reconhecer, em virtude de sua nova condição, mas que talvez não reconhecessem antes.

A experiência até então irreal de uma epidemia nessas proporções em plena era moderna — a de uma cegueira coletiva —, cuja degradação promove a dissolução do individualismo, a despersonificação e a animalização, nos choca tal qual o conhecimento de seus terríveis resultados, verificados na prática. Assim, a catarse que a obra de Saramago nos provoca se amplifica através de novas leituras e da realidade que nos confronta desde o primeiro alerta da Organização Mundial da Saúde.

No romance de Saramago há um sinal, um vaticínio, um alerta.

Tempos mais tarde, verifica-se que o alerta da ficção não fora seguido.

[...] Na presente crise humanitária, os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal falharam mais do que os outros na luta contra a pandemia. Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. [...] Os exemplos mais marcantes são a Inglaterra, os EUA, o Brasil, a Índia, as Filipinas e a Tailândia. [...] (SANTOS, 2020, p. 26).

O cenário que Saramago cria em seu ensaio é quase profético se comparado à realidade durante a pandemia. Nada é gratuito. Desde a indeterminação inicial do mal descrito no romance, passando pela forma indistinta e pela velocidade do contágio, pela indeterminação proposital da localidade — espaço em que a epidemia ocorre e que pode ser um Estado ou um país (em qualquer lugar do mundo). Assustadas e incapazes de lidar com o mal, as autoridades constituídas (que se vão cegando paulatinamente) confinam os grupos de cidadãos em depósitos e instalações militares. Tudo encontra ecos. Tristes ecos.

Tal como fora anunciado no primeiro dia. Estavam a ser repetidas as instruções sobre o funcionamento das camaratas e as regras a que os internados deveriam obedecer. O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, etc., etc. Quando a voz se calou, levantou-se um coro indignado de protestos, Estamos fechados, Vamos morrer aqui todos, Não há direito, [...] (SARAMAGO, 2008, p. 73).

Nesses locais de confinamento, a cegueira e os impedimentos próprios da privação repentina de um dos sentidos, aliados a fatores de ordem relacional, social, econômica e cultural, fazem com que

os indivíduos acabem passando por um processo que os fará agir e comportar-se com a irracionalidade de animais. No meio dessa irracionalidade, um narrador em terceira pessoa e uma das personagens — a mulher do médico, único personagem a não cegar, mas que se finge de cega para acompanhar o marido — vão narrando os horrores dessa crise e nos fazem refletir sobre a natureza humana em um estado extremo de exceção.

A obra se vale de tipificação das personagens que não têm nome e são designadas pelas ações que desempenham, pela função social que exercem e por marcas particulares que possuem. Essa estratégia narrativa focaliza a natureza verossímil das personagens e pluraliza e potencializa a natureza do discurso literário.

É difícil caminhar. Em algumas ruas, sobretudo as mais inclinadas, o caudal das águas da chuva, transformadas em torrente, atirou automóveis contra automóveis, ou contra os prédios, arrombando portas, esvaziando montras, o chão está coberto de estilhaços de vidro grosso. Entalado entre dois carros, o corpo de um homem apodrece. A mulher do médico desvia os olhos. O cão das lágrimas aproxima-se, mas a morte intimida-o, ainda dá dois passos, de súbito o pêlo encrespou-se-lhe, um uivo lacerante saiu-lhe da garganta, o mal deste cão foi ter-se chegado tanto aos humanos, vai acabar por sofrer como eles (SARAMAGO, 2008, p. 295).

O autor desconstrói um ideal de sociedade civilizada. As noções de organização coletiva, identidade, pertencimento e solidariedade passam a ser artigos de luxo, tão importantes e raros quanto a comida e a liberdade. Mesmo estando todos cegos e confinados, há cegos que oprimem os demais, exploram, roubam, matam, violentam as mulheres. As cidades são devastadas, os governos paralisados e as pessoas ficam à mercê da sorte. É o caos institucionalizado.

Todorov (2008, p. 119) afirma que “não há personagens fora da ação nem ação independentemente dos personagens”. Essa afirmação pa-

rece apontar para a discussão sobre se *a vida imita a arte ou arte imita a vida*. Talvez fosse possível deslocá-la para um questionamento sobre se o homem enxerga melhor a vida através da arte ou se a arte enxerga mal a vida. Equiparando-se (total ou parcialmente) a vida à ação e as pessoas às personagens. E, a partir daí, surgisse a perfeição ou a imperfeição da ficção.

Este é um ensaio sobre a cegueira, não porque simplesmente o enredo pareça conduzir todos a ela. É um ensaio sobre a cegueira, entendendo-se aqui ensaio como uma espécie de manual de como ver. É, pois, um texto que ensina a ver, logo, a não ser cego. Com efeito, este Ensaio sobre a Cegueira pode ser lido inversamente como um ensaio sobre a visão. Esses cegos chegaram ao fundo do poço de onde puderam ver surgir suas fraquezas, sua arrogância, sua intolerância, sua impaciência, sua violência, a monstruosidade dos universos concentracionários. Mas assistiram também à sua própria força, à sua solidariedade, à sua generosidade, ao seu espírito revolucionário, à revisão de seus próprios preconceitos. Este, repito, é um ensaio sobre a visão: do outro, das relações humanas, da linguagem e seus clichês, da verdade, do poder, e até dos gêneros literários nesse romance que, como se sabe, se quer “ensaio” (CERDEIRA, 2000, p. 258-259).

Ler a obra de Saramago é perceber que a literatura não pretende nem nunca pretendeu ser uma aventura alienante, um entorpecimento, uma utopia vazia e desprovida de reflexões, uma redenção de quem escreve e de quem lê. Não é uma acusação, não é uma absolvição. Não é uma zona de conforto, uma área de segurança.

A personagem que ajuda a narrar a história — a mulher do médico —, a que vê e empresta seus olhos para que vejamos através deles, embora pareça, embora lembre, não é a “Liberdade guiando o povo”. Aquelas personagens que ela guia não são fantasmas, não são apenas personagens. E não estão livres. Livres (ou atentos) poderão estar os que leem, compreendem ou interagem com a leitura do

mundo a partir da obra.

Enquanto, na realidade, isolados, pretensamente isolados, artistas e professores, através de *lives*, experimentam uma simulação de liberdade, reagem quanto podem, empenham-se em dialogar, ajudar como possível.

[...] As pandemias mostram de maneira cruel como o capitalismo neoliberal incapacitou o Estado para responder às emergências. As respostas que os Estados estão a dar à crise variam de Estado para Estado, mas nenhum pode disfarçar a sua incapacidade, a sua falta de previsibilidade em relação a emergências que têm vindo a ser anunciadas como de ocorrência próxima e muito provável. [...] Estou certo de que nos próximos tempos esta pandemia nos dará mais lições e de que o fará sempre de forma cruel. Se seremos capazes de aprender é por agora uma questão em aberto. [...]. A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias (SANTOS, 2020, p. 28 e 32).

Saramago constrói distopias ao passo que Santos parece apontar para uma nova utopia em que vendas e véus de hipocrisia e proselitismo caiam por terra em benefício de um “novo normal”, como o autor assinala. Resta esperar e desejar que em breve estejamos a salvo da Covid-19 e da cegueira de não perceber as faltas, as omissões e os defeitos — os nossos e os daqueles que nos governam. Que a representação da ficção e a experiência dramática da realidade nos façam melhores como sociedade.

RECEBIDO: 29/06/2020 APROVADO: 09/09/2020

REFERÊNCIAS

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado: ensaios de literatura*. Lisboa: Caminho, 2000.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Folha informativa Covid-19. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 2 out. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Portugal: Almedina, 2020.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

TODOROV, Tzvetan. Os homens-narrativas. In: TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MINICURRÍCULO

Erivelto da Silva Reis é professor, pesquisador, poeta, escritor, cronista e produtor cultural. Graduado em Letras (Português/Literaturas) e pós-graduado em Estudos Literários pelas Faculdades Integradas Campo-grandenses — Campo Grande-RJ. Pós-graduado em Literaturas Portuguesa e Africanas, mestre em Literatura Portuguesa Contemporânea e doutor em Letras Vernáculas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Literatura Portuguesa Contemporânea). Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.